UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

III Colóquio Nacional de Filosofia Contemporânea do PPGFIL

De 22 a 24 de outubro de 2019

Local: Universidade Federal do Espírito Santo
Programa de pós-graduação em Filosofia
(Mestrado/Doutorado)

Anfiteatro I - Prédio Didático do CCHN (tarde)
Auditório do IC II da UFES (manhã e noite)

Dias	Programação do Evento
22	**08 h** – Credenciamento (IC-II, Térreo) **09 h às 11 h – Apresentação de trabalhos de Pós-Graduandos** (Auditório do IC II da Ufes). **14: 30 h – Cerimônia de Abertura** (Anfiteatro I - Prédio Didático do CCHN) **15 h às 17 h - Mesa Redonda I/PPGFIL: Questões sobre a intencionalidade: Profº Dr. Carlos Diógenes Côrtes Tourinho (UFF); Profº Dr. Bartolomeu Leite da Silva (UFPB); Mediador: Profº Dr. Jorge Augusto da Silva Santos (UFES).** (Anfiteatro I - Prédio Didático) do CCHN). **19:00 h – Conferência de Abertura** (Auditório do IC II da Ufes): **Profº Dr. João A. Mac Dowell (FAJE-Belo Horizonte) – A intencionalidade na perspectiva histórico-existencial**.
23	**09 h às 11 h – Apresentação de trabalhos de Pós-Graduandos** (Auditório do IC II da Ufes) **12:30 h** - Intervalo para almoço **15 h às 17 h - Mesa Redonda II/PPGFIL: Epistemologia Analítica: Conhecimento, percepção e experiência – Profº Dr. Eros Carvalho (UFRS); Profº Dr.André Abath (UFMG); Profª Drª Michela Bordignon (UFABC); Mediador: Profº Dr. José Renato**

	Salatiel (UFES). (Anfiteatro I - Prédio Didático) do CCHN). **19:00 h** – **Conferência** (Auditório do IC II da Ufes): **Profª Drª Sofia Inês Albornoz Stein (Universidade do Vale do Rio dos Sinos) – As novas Ciências Cognitivas, as Neurociências e a Retomada de Questões Filosóficas.**
24	**09 h às 11 h** – **Apresentação de trabalhos de Pós-Graduandos** (Auditório do IC II da Ufes). **12:30 h** - Intervalo para almoço **15 h às 17 h** - **Mesa Redonda III/PPGFIL: As democracias liberais e o pluralismo cultural: fragmentação-tolerância-reconhecimento – Profº Dr. Denilson Luís Werle (UFSC); Profº Dr. Luiz Bernardo Leite Araújo (UERJ); Mediador: Profº Dr. Marcelo Martins Barreira (UFES).** (Anfiteatro I - Prédio Didático) do CCHN). **19:00 h – Conferência de encerramento (Auditório do IC II da Ufes): Profº Dr. Denis Coitinho Silveira (Unisinos) – Virtudes e Democracia.** **21:00 h – Encerramento do Evento.**

Mesa Redonda I

1ª - Questões sobre a intencionalidade: é consagrada à noção da intencionalidade, ou seja, à capacidade fundamental que possuímos de nos referir aos objetos do mundo, de "estar direcionados para" alguma coisa ou de "estar em um estado mental a propósito de" alguma coisa. Desde sua reintrodução na cena contemporânea seja pelo filósofo austríaco Franz Brentano (1839-1917) em termos de uma "referência intencional" no sentido de que consciência possui a propriedade de ter um conteúdo mental que seja representado, julgado, amado ou odiado, seja, especialmente, pelo seu antigo aluno, Edmund Husserl (1959-1938) como a peculiaridade das vivências de "ser consciência *de* algo (Bewußtsein *von* etwas zu sein)", o conceito de intencionalidade foi objeto de inúmeras controvérsias de uma extraordinária fecundidade. De um lado, deparamos com a emergência do conceito de "intencionalidade" nos pioneiros da fenomenologia e, consequentemente, com algumas controvérsias suscitadas pelo seu uso: a questão das representações sem objeto, do solo mundano, da relação

intencional, da transcendência. De outro lado, sob uma perspectiva mais crítica, descortinamos a perenidade deste conceito no contexto contemporâneo com base no exame de novos obstáculos a serem enfrentados: os do externalismo e da dissolução da intencionalidade na linguagem, bem como as críticas contextualistas. Considerando as vicissitudes da fenomenologia a partir da própria história da intencionalidade – isto é, da intencionalidade husserliana ao cuidado (Martin Heidegger), passando pela alteridade (E. Levinas), pelo corpo (Merleau-Ponty), pela carne (Michel Henry), até as mais recentes propostas de uma fenomenologia da doação (Jean-Luc Marion), qual é a pertinência das diversas concepções de intencionalidade para o homem de hoje?;

Mesa Redonda II

2ª - Epistemologia analítica: o projeto da epistemologia contemporânea de análise do conhecimento proposicional e suas condições de justificação recebeu contribuições diversas de filósofos de diferentes áreas, como filosofia da mente, filosofia da linguagem, éticas normativas e lógicas epistêmicas, além de ramos afeitos às suas investigações, como psicologia, neurociência e ciências cognitivas. Como resultado, nas últimas décadas o campo de estudos em epistemologia foi enriquecido com diferentes abordagens e problemáticas que expressam avanços consideráveis em suas pesquisas. Dentre eles, destacam-se as epistemologias anti-sorte, o disjuntivismo epistêmico, o contextualismo, as epistemologias da virtude, o conhecimento prático, a ética da crença, a epistemologia social, o valor epistêmico, os cenários céticos radicais, a epistemologia do testemunho, e epistemologia da justiça e etc. Um dos principais problemas que norteiam algumas dessas perspectivas teóricas diz respeito ao conhecimento de mundo e o estatuto da percepção na justificação de crenças empíricas. Dedicaremos esta mesa de debates a discutir pesquisas atuais dentro dessa temática;

Mesa Redonda III

3ª - As democracias liberais e o pluralismo cultural: fragmentação-tolerância-reconhecimento: considera os desafios trazidos pela recente intensificação do pluralismo cultural no interior das democracias liberais,

debruçando-se sobre as respostas que têm sido dadas a ele. O problema do pluralismo no interior das comunidades políticas ocidentais remonta à época da Reforma Protestante. Desde as longas e exaustivas guerras religiosas travadas em decorrência desta, a fragmentação das comunidades políticas foi uma ameaça significativa. Somente depois de aproximadamente um século e meio destas guerras, John Locke e Pierre Bayle começaram a propor a tolerância como uma possibilidade alternativa de lidar com a diferença religiosa e, assim, contornar a possibilidade daquela fragmentação. A partir daí, a resposta tolerante tem sido considerada a forma típica e exitosa apresentada pelas democracias liberais para lidar com as diferenças internas, especialmente as religiosas, de modo que a tolerância, como conceito e como prática, se tornou parte do senso comum ocidental. Todavia, desde as últimas décadas do século passado, o ideal de tolerância voltou ao centro das atenções, devido aos novos problemas trazidos pelas significativas modificações na composição populacional das sociedades democráticas liberais, com a mescla cada vez maior de etnias, culturas e religiões diversas convivendo em seu interior, em um pluralismo cultural sem precedentes que evoca novamente a ameaça de fragmentação. Portanto, o modelo tradicional de tolerância, inicialmente estabelecido para uma diversidade limitada basicamente ao aspecto religioso e somente dentro de um espectro cristão, católico-reformado, se vê defrontado com uma ampliação radical da diversidade, para a qual não foi projetado, e precisa ser substituído ou repensado. Uma das maneiras de fazê-lo é a recente tendência a rejeitar o conceito de tolerância, considerado condescendente, paternalista e ofensivo para aqueles que são tolerados. Outra maneira é a recente interpretação da tolerância como reconhecimento, exigido como respeito pelos portadores de identidades diversas que partilham o mesmo status de cidadãos. Por sua vez, esta interpretação parece não levar às últimas consequências o fato do pluralismo descrito por Rawls, com a coexistência de concepções do bem não apenas diversas, mas incompatíveis, o que significa que haverá desaprovação moral recíproca entre algumas delas, exigindo-se novamente alguma forma de tolerância.